

NOTA DE APRESENTAÇÃO

INTRODUCTORY NOTE

“O Século XX como problema”

Ainda antes do final do ano 2000, já o século XX se constituía como problema em diferentes campos das ciências sociais e humanas. A coincidência entre o final do século e a conclusão de alguns dos seus fenómenos políticos mais emblemáticos – o comunismo no Bloco de Leste, a Guerra Fria – pareceu reforçar a urgência de balanços e novas narrativas. O século surgia aí como uma ‘era dos extremos’ (Eric Hobsbawm) – e a Europa novecentista como um ‘continente sombrio’ (Mark Mazower) –, um ‘mundo de fantasia e catástrofe’ (Susan Buck-Morss) alternando entre a promessa utópica e a queda no abismo, ou, para citar alguns títulos mais recentes de histórias do século, uma ‘ida e volta ao inferno’ (Ian Kershaw), oscilando entre a ‘barbárie e a civilização’ (Bernard Wasserstein) e exigindo uma ‘história em fragmentos’ (Richard Vinen).

Como estes títulos sugerem, a dramatização do século foi para muitos uma dimensão inseparável das formas narrativas que ao longo dele proliferaram. É neste sentido que se pode falar em ‘acontecimentos modernistas’ (Hayden White), ou seja, acontecimentos cuja dimensão exige a inventividade do modernismo, ou das próprias formas modernistas como expressão de um século percorrido pelo ‘antagonismo’ (Alain Badiou). No limite, a imagem do século pode coincidir com o olhar de uma arte moderna, o cinema (Francesco Casetti falou do ‘olho do século’), ou mesmo com uma das suas técnicas artísticas mais expressivas, como quando Georges Didi-Huberman fala da montagem como o ‘olho da história’ no século XX.

O próprio século XXI pensa-se e representa-se a partir das muitas versões com que o século anterior é visto como ‘a última catástrofe’ (Henry Rousso), um marcador temporal da história do tempo presente. Ao longo das últimas duas décadas, a historiografia, a filosofia, a ciência política, os estudos artísticos, entre inúmeras outras disciplinas, têm insistentemente refletido sobre o presente a partir das múltiplas narrativas produzidas ao longo, ou a propósito, do século XX. Mais do que um período histórico específico, o século passado constitui-se aí como um conceito, ou imaginário, que determina formas de pensamento político e representações sociais e artísticas. A sua proximidade, por outro lado, o dramatismo dos seus acontecimentos mais marcantes, bem como a profusão de formas audiovisuais que o percorreram, fazem do século XX um objeto particularmente propício à produção de memória e à emergência de novas fontes, arquivos e mediações históricas.

O congresso *Pensar o Século XX. Olhares do século vinte e um*, realizado em Coimbra em Fevereiro de 2023, procurou situar-se nos debates contemporâneos sobre a história, memória e herança do século XX, e assim contribuir para a diversificação e complexificação das suas narrativas e representações. Os quatro artigos que compõem este número da revista *Estudos do Século XX*, selecionados a partir do congresso, são uma boa amostra das linhas de questionamento a que se oferece o século passado. Desde logo, em “Melancolia, medo e formas de economia política no breve século XX: de Eric Hobsbawm a Thomas Piketty”, João Rodrigues parte do conceito de “melancolia de esquerda”, de Enzo Traverso, para recuperar a tensão entre os modelos social-democrata e comunista em meados do século XX. Ou melhor, sobre a forma como muito pensamento contemporâneo associa o espectro do comunismo ao alento reformista social-democrata que tão profundamente marcou a herança do século. Também Rui

Bebiano, em “O Século de Outubro, o papel dos intelectuais e a hipótese revolucionária”, reflete sobre o impacto do comunismo, ou, mais especificamente, da revolução de Outubro de 1917, nessa narrativa. Mais do que um evento representado abundantemente em narrativas políticas, propagandísticas, artísticas e intelectuais, a ‘natureza emancipatória’ da revolução torna-a numa chave para ler toda a história do século XX e explicar, em parte, o ambiente melancólico contemporâneo.

O impacto das grandes formas de antagonismo do século é ainda o que nos ajuda a situar os artigos de Carlo de Nuzzo, “John Maynard Keynes and the *Scheme for the rehabilitation of Europe*”, e de Aleksandra Tobiasz, “From geopolitics and regional identity to geopoetics and self-identification – a trajectory of conceptualization of Central Europe”. De Nuzzo debruça-se sobre uma ideia não realizada, o “esquema” para a reabilitação económica da Europa proposto por Keynes em 1919 (ou seja, logo no primeiro pós-guerra): a rejeição do plano do economista britânico foi por alguns visto como um adiamento de uma cooperação Europeia que teria assim de esperar mais algumas décadas (e suportar mais uma guerra mundial) e uma abertura para a transformação dos EUA em força hegemónica, outro dos traços estruturantes do século. Perante estas linhas narrativas dominantes – comunismo, social-democracia, o papel dos Estados Unidos – Tobiasz propõe-nos um deslocamento, em vários sentidos: ao refletir a partir da introspeção literária, identifica uma *geopoética* que situa a Europa Central num lugar simbolicamente alternativo ao dos grandes confrontos ideológicos do século – confrontos que tiveram nessa zona do mundo um dos seus palcos mais dramáticos, e que, consequentemente, mais contribuíram para transformar (com consequências ainda bem visíveis no século XXI).

São, portanto, muitas as histórias que o século XX ainda encerra, e que não pararão de crescer, de se diversificar e complexificar à medida que avançamos no novo século. Histórias tanto mais numerosas e urgentes quanto mais o presente se apresentar aos contemporâneos sob a forma de perplexidade.

O número inclui ainda mais um artigo, inserido na secção “Diálogos Multidisciplinares”, da autoria de Ivan Filipe Fernandes, com o título “O Brasil como potência emergente no Sul Global no novo cenário internacional: ameaças e possibilidades diante da mudança hegemónica”, onde se analisa o lugar do Brasil num atual quadro geopolítico global em rápida transformação.

Coimbra, 5 de dezembro, 2023

Luís Trindade

“The twentieth-century as problem”

The twentieth-century emerged as a problem in different fields of the social sciences and humanities, even before the end of 2000. The coincidence between the end of the century and of some of its most emblematic political phenomena – such as communism in Eastern Europe and the Cold War – seemed to reinforce the need of examination and new narratives. The century thus appeared as an ‘age of extremes’ (Eric Hobsbawm) – and twentieth-century Europe as a ‘dark continent’ (Mark Mazower) –, a world of ‘dreamworld and catastrophe’ (Susan Buck-Morss), in-between utopian promise and fall into the abyss, or, to quote the titles of some more recent histories, a journey ‘to hell and back’ (Ian Kershaw), swaying between ‘barbarism and civilization’ (Bernard Wasserstein), in need of a ‘history in fragments’ (Richard Vinen).

As these titles suggest, the century’s dramatic dimension was inseparable, for many, of the narrative forms unfolding throughout the period. It is in this sense that one can speak of ‘modernist events’ (Hayden White), that is, events whose scope requires the creativity of modernism, or of modernist forms themselves as the expression of a century traversed by ‘antagonism’ (Alain Badiou). The image of the century could even coincide with the gaze of a modern art form, cinema (Francesco Casetti wrote about the ‘eye of the century’), or even with one of its most striking formal techniques, as when Georges Didi-Huberman speaks about montage as the ‘eye of history’ in the twentieth-century.

The twenty-first century itself is often thought and represented in relation to the many versions in which the previous century is seen as ‘the last catastrophe’ (Henry Rousso), a temporal marker of contemporary history. Over the two last decades, historiography, philosophy, political science, the arts, among many other fields, have insistently reflected on the present from the multiple narratives produced throughout the twentieth-century, or using the twentieth-century as its referent. More than a specific historical period, last century is thus constituted as a concept, or imaginary, one that defines forms of political thought and social and artistic representations. Its proximity, on the other hand, the tragic aspects of some of its most recognizable events, along with the proliferation of audio-visual forms traversing it, turn the twentieth-century into an object particularly prone to the production of memory and to the deployment of new sources, archives and historical mediations.

The symposium *Thinking the Twentieth-Century. Perspectives from the twenty-first century*, held in Coimbra in February 2023, aimed to intervene in current debates on the history, memory and heritage of the twentieth-century, and thus contribute to diversify and complexify its narratives and representations. The four articles that form this issue of the journal *Estudos do Século XX*, selected from the congress, are a good sample of the lines of questioning offered by the last century. In “Melancolia, medo e formas de economia política no breve século XX: de Eric Hosbsbawm a Thomas Piketty” [“Melancholy, fear and forms of political economy in the short twentieth century: from Eric Hosbsbawm to Thomas Piketty”], João Rodrigues deploys Enzo Traverso’s concept of “left-wing melancholy” to retrieve the tension between mid-twentieth century social democratic and communist models. Or rather, to reflect on the way much contemporary historical thinking associates the spectre of communism with the social democratic reformist impulse that so profoundly marked the century’s legacy. Rui Bebian, in “O Século de

Outubro, o papel dos intelectuais e a hipótese revolucionária” [“The Century of October, the role of intellectuals and the revolutionary hypothesis”], also reflects on the impact of communism, and more specifically the October 1917 revolution, on this narrative. More than an event abundantly represented in political propaganda, and in artistic and intellectual narratives, the ‘emancipatory nature’ of the revolution makes it a decisive factor in the interpretation of the 20th century history as a whole, while also explaining, in part, the melancholic atmosphere of contemporaneity.

The impact of the century’s great forms of antagonism also helps us situate the articles by Carlo de Nuzzo, “John Maynard Keynes and the Scheme for the rehabilitation of Europe” [John Maynard Keynes e o «Plano para a Reabilitação da Europa»], and Aleksandra Tobiasz, “From geopolitics and regional identity to geopoetics and self-identification – a trajectory of conceptualization of Central Europe” [Da geopolítica e da identidade regional à geopoética e à autoidentificação – uma trajetória de conceitualização da Europa Central?]. De Nuzzo focuses on an unrealized idea, the ‘scheme’ for the economic rehabilitation of Europe proposed by Keynes in 1919 (i.e. in the first post-war period): the rejection of the British economist’s plan was seen by some as a delay in European cooperation, which would then have to wait a few more decades (and endure another world war), and an opening for the transformation of the USA into a hegemonic force, another structuring feature of the century. Faced with these dominant narrative lines – communism, social democracy, the role of the United States – Tobiasz proposes a displacement, in several directions: by reflecting on the role of literary introspection, she identifies a *geopoetics* that places Central Europe in a symbolically alternative place to the great ideological clashes of the century – clashes that had one of their most dramatic stages in this part of the world, and which, consequently, most contributed to its transformation (with consequences that are still very visible in the 21st century).

There are therefore many stories left to tell about the 20th century that will continue to grow, diversify and become more complex as we move into the new century. Stories that are all the more numerous and urgent the more the present presents itself in the form of perplexity to many contemporaries.

The issue also includes an extra article, inserted in the “Multidisciplinary Dialogues” section, by Ivan Filipe Fernandes, and titled “O Brasil como potência emergente no Sul Global no novo cenário internacional: ameaças e possibilidades diante da mudança hegemônica” [Brazil as a rising power in the Global South in the new international scenario: threats and opportunities facing hegemonic change], with an analysis of Brazil’s current position within a global geopolitical context in rapid transformation.

Coimbra, december 5, 2023

Luís Trindade